



O BRILHO DA FORMAÇÃO: ENSINO DE TEATRO DE SOMBRAS E ILUMINAÇÃO NA ESCOLA BÁSICA

THE BRILLIANCE OF TRAINING: TEACHING SHADOW THEATRE AND STAGE LIGHTING IN ELEMENTARY SCHOOL

Ariane Clara Fernandes de Souza Siqueira Ramos Farias¹

UFPE

Lyane Marcelle Cavalcante Santos²

UFPB

Resumo: Este artigo apresenta um relato de experiência da aplicação da proposta de ensino do Teatro de Sombras, nas aulas de artes do ensino fundamental II, a partir das vivências no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/subprojeto Teatro da Universidade Federal de Pernambuco (PIBID TEATRO / UFPE), sob orientação da Prof^a. Dra. Kalyna Aguiar e supervisão da Prof^a. Ma. Lyane Cavalcante, na turma do 6º ano B do Ensino Fundamental II do Colégio Municipal Humberto Barradas, localizado no bairro de Engenho Velho, Jaboatão dos Guararapes - PE. Com base no conceito de memorial de formação (Passey, 2010), o relato descreve as vivências e experimentações práticas que contribuirão para minha formação docente enquanto professora de teatro, destacando as facilidades, dificuldades e os aprendizados adquiridos ao longo do processo, evidenciando as intersecções entre teoria e prática.

Palavras-chave: teatro; teatro de sombras; iluminação cênica; teatro na escola.

¹ Licencianda em Teatro na UFPE. É produtora cultural fundadora da Evoé Artes, atriz e iluminadora cênica. É também bonequeira associada pela ABTB e APTB. Integrante do Grupo Titiritando. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4632971723920627>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-6756-8610> E-mail: ariane.clara@ufpe.br

² Mestrado em Artes pelo Programa ProfArtes-UFPB. Especialista em Dança Educação - Práticas e Pensamentos do Corpo - CENSUPEG. Graduada em Educação Artística pela UFPE, com Habilitação em Artes Cênicas. Professora Efetiva de Arte do Ensino Fundamental II, na Prefeitura Municipal de Jaboatão dos Guararapes - Pernambuco. Supervisora do PIBID/Teatro-UFPE. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5215539472259043> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8446-4384> E-mail: professoralayartes@gmail.com



Abstract: This article presents an experience report on the implementation of a Shadow Theatre teaching proposal in arts classes for the final years of elementary school, based on experiences in the Institutional Program for Teaching Initiation Scholarships / Theatre subproject at the Federal University of Pernambuco (PIBID THEATRE / UFPE), under the guidance of Prof. Dr. Kalyna Aguiar and the supervision of Prof. Ma. Lyane Cavalcante, in the 6th grade B class at Colégio Municipal Humberto Barradas, located in the Engenho Velho neighborhood, Jaboatão dos Guararapes – PE, Brazil. Drawing on the concept of a training memoir (Passegi, 2010), the report describes the practical experiences and experiments that contributed to my teacher training as a theatre educator, highlighting the ease, challenges, and learning acquired throughout the process, and evidencing the intersections between theory and practice.

Keywords: theatre; shadow theatre; stage lighting; theatre in school.

QUAL O CENÁRIO E PERSONAGENS DESSA HISTÓRIA?

Sou uma mulher parda, vinda de uma família de classe média baixa, mãe, cursando minha segunda graduação. Estou estudante da licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Sou também, e antes disso, uma artista que trabalha com arte nas suas várias facetas. Bailarina, atriz, produtora cultural, iluminadora cênica, bonequeira e o que mais for. Onde o teatro precisar de mim, estarei. Foi vivendo no chão da universidade, no dia a dia do curso que há cinquenta anos forma professores de teatro na cidade do Recife, que surgiu minha paixão por duas áreas do teatro que estarão presentes aqui neste trabalho: iluminação cênica e teatro de animação.

Na pesquisa aqui apresentada pretendo realizar um mergulho sensível nas minhas experiências em sala de aula enquanto artista-discente de uma licenciatura que se aproxima da educação básica, entendendo que tal pode contribuir



positivamente para o debate sobre o lugar das técnicas teatrais na formação de professores e artistas do teatro.

Ao voltar os olhos para o percurso percorrido com criticidade e afeto, buscarei não apenas narrar uma experiência individual, mas também provocar reflexões sobre os modos como o ensino do teatro pode - ou não - acolher e estimular múltiplas dimensões da criação teatral.

Quando me matriculei no curso de teatro já tinha o interesse por iluminação cênica. Havia cursado uma disciplina de iluminação no curso básico de teatro da Escola Municipal de Artes João Pernambuco, inclusive. Na faculdade cursei as disciplinas AR581 - Elementos Visuais do Espetáculo 1, que trata de cenografia e iluminação, 60h e AR73 - Criação em Iluminação Cênica, eletiva de 30h, que sendo um componente prático busca proporcionar a investigação e realização de experimentos práticos em iluminação³.

Devido ao crescimento do meu interesse pela área, busquei cursos e qualificações fora da universidade. Em seguida, comecei a assinar e realizar alguns trabalhos como iluminadora na cidade do Recife, fazendo iluminação para espetáculos de dança, teatro e ópera.

Também na universidade, no de 2022, cursei o componente “Teatro de Formas Animadas”, ministrado pela professora Izabel Concessa, tendo desde então me apaixonado pelo teatro de animação. Importante destacar que essa disciplina faz parte do rol de componentes que embora não sejam voltados especificamente para a iluminação cênica são de grande importância para a formação de iluminadores no curso, por serem direcionados para as práticas de linguagem cênica. Isso se dá

³ Ementas dos componentes curriculares “Elementos Visuais do Espetáculo 1 e 2” da licenciatura em Teatro da UFPE, disponível em: https://www.ufpe.br/documents/39231/0/teatro_perfil_1111.pdf/5bbab7dd-6bc1-4efd-9139-f65b6c9de4bd. Acesso em: 04 de agosto de 2025.



XXXIV
CONFAEB
2025

Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil
Congresso Internacional de Arte/Educadores

porque se trata de disciplinas que comumente têm como uma das etapas de avaliação a realização de exercícios cênicos práticos. O que permite que alunos interessados em iluminação possam criar mapas de luz, realizar montagem de equipamentos e operação de luz, se aproximando mais do ofício de iluminador.

Importante destacar que no ano em que cursei essa disciplina minha turma apresentou como resultado do semestre o espetáculo “Os Títeres de Porrete: tragicomédia de Dom Cristóvão e Sinhá Rosinha”, a partir do texto de Federico Garcia Lorca. O espetáculo é encenado com bonecos de luva - mamulengos - e tem uma cena de teatro de sombras. Desse trabalho surgiu o coletivo teatral “Grupo Titiritando” formado por estudantes e egressos do curso de Teatro da UFPE. Com isso, o espetáculo passou nos últimos anos por alguns festivais no estado de Pernambuco e eu tenho acompanhado o grupo como iluminadora, o que sem sombra de dúvidas fortaleceu bastante minha formação profissional na área.

Foi partindo deste lugar, dessas experiências luminosas vivenciadas ao longo da graduação que chego no ano de 2025; no primeiro semestre ingressei no Colégio Municipal Humberto Barradas como bolsista do programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), onde pude juntamente com a professora supervisora, Lyane Cavalcante, ministrar aulas de teatro para alunos do 6º ano do ensino fundamental.

O colégio está situado em Pernambuco, na cidade de Jaboatão dos Guararapes, no bairro de Engenho Velho, que surgiu ainda no período colonial, nas terras de um engenho que viria a ser abandonado durante o período da invasão holandesa.⁴ A instituição integra a Rede de Ensino do Jaboatão dos Guararapes, atendendo às comunidades de Engenho Velho e seu entorno, funcionando desde

⁴ DAVIDSON, James. **História do bairro de Engenho Velho**. *Blog Jaboatão dos Guararapes Redescoberto*. Jaboatão dos Guararapes, 11 de abr.2019. Disponível em: <http://www.jaboataoguararapesredescoberto.com/2019/04/historia-do-bairro-de-engenho-velho.html>



1967. No ano de 2000 passou a atender a Educação Básica e em 2012 e 2015, respectivamente, o ensino médio e a Educação para Jovens e Adultos (EJA) deixaram de existir na unidade. Desde 2013 passou a ser uma instituição de Tempo Integral, atendendo à Lei Municipal de nº 849/2013⁵.

COMO A HISTÓRIA SE DESENNOLA?

Em relação às atividades do PIBID, a ideia inicial era trabalhar com a turma temas pertinentes à iluminação cênica. Meu desejo era investigar de que maneiras poderia se dar o ensino da iluminação na escola básica. Essa ideia, por sua vez, havia surgido de uma discussão que tivemos na universidade no ano de 2022, enquanto eu cursava a disciplina de Metodologia do Ensino do Teatro 2⁶, que é um componente curricular que propõe um olhar para o ensino do teatro na educação não apenas como um conjunto de técnicas ou conteúdos a serem transmitidos, mas como um território de encontros, memórias e invenções coletivas. Essa disciplina foi como um convite a refletir sobre a organização do trabalho pedagógico. Fomos instigados a pensar a sala de aula como espaço de partilha, em que o conhecimento teatral se constrói na prática, no corpo e na palavra, na escuta e na cena. Ou seja, para experimentarmos modos de viver o teatro como caminho de formação sensível, onde criação, apreciação e reflexão se entrelaçam no cotidiano escolar.

A partir da vivência dessa disciplina comecei a pensar de que maneiras poderia ser efetuado o ensino de teatro para alunos da escola básica de forma que não se limitasse à mera transmissão de técnicas de atuação ou à montagem de espetáculos, como ocorre rotineiramente, mas se configurando como um processo pedagógico complexo que articule saberes dos mais variados campos da cena teatral, com destaque para as visualidades da cena e o teatro de animação, por serem essas áreas

⁵ COLÉGIO MUNICIPAL HUMBERTO BARRADAS. *Projeto Político-Pedagógico*:Jaboatão, 2023. Projeto Político-Pedagógico.

⁶ Ementas do componente curricular “Metodologia do Ensino do Teatro 1” da licenciatura em Teatro da UFPE, disponível em: https://www.ufpe.br/documents/39231/0/teatro_perfil_1111.pdf/5bbab7dd-6bc1-4efd-9139-f65b6c9de4bd. Acesso em 04.09.2025



nas quais venho atuando profissionalmente e, por isso, teria subsídio para compartilhar com as turmas um pouco de minhas vivências.

Nesse sentido, compreendo que o próprio ato de planejar e narrar essa experiência se insere naquilo que Passeggi (2010) define como *memorial de formação*: uma escrita de si que possibilita revisitar criticamente as práticas vividas, transformando a experiência em conhecimento e em processo de autoformação docente.

O interesse em inserir o ensino da iluminação cênica na escola está relacionado à necessidade de evidenciar que o teatro, enquanto linguagem artística, ultrapassa o campo da atuação e envolve uma multiplicidade de funções igualmente essenciais para a construção do espetáculo. Ao propor atividades que valorizem a técnica da luz, busquei ampliar a compreensão dos estudantes sobre a complexidade do fazer teatral, contribuindo para que eles pudessem reconhecer a relevância de diferentes profissionais e áreas de conhecimento no processo criativo. Tal escolha pedagógica também se fundamenta em minha prática enquanto iluminadora, na qual a experiência pessoal demonstra que a atuação, embora central, não esgota as possibilidades de participação e criação no teatro.

Foi pensando dessa maneira que comecei a colocar em prática o que havia planejado para as aulas. No primeiro encontro, fiz uma breve introdução para a turma sobre o que é o teatro de sombras. Partir desse tópico me permitiria abrir caminhos para poder apresentar aos estudantes conceitos básicos de iluminação. De imediato percebi o interesse deles pelo que eu estava expondo.

Antes mesmo da experiência prática eu já tinha conseguido capturar parte dos estudantes para o processo criativo. Conforme ia fazendo perguntas sobre luz e fontes luminosas, mais mãos eram erguidas no intuito de responder. Na segunda parte da aula demonstrei como se dava a projeção de sombra utilizando um objeto e uma lanterna, tendo como “tela” uma das paredes da própria sala. A turma que era



agitada, foi aos poucos diminuindo seu ritmo. Vários pares de olhinhos curiosos e atentos olhavam as silhuetas projetadas ali na parede da escola. Tendo conversado sobre fontes de luz artificiais propus à turma que na aula seguinte os participantes trouxessem materiais que tivessem em casa que pudessem servir para iluminar as experiências que faríamos.

Na aula seguinte, alguns estudantes haviam trazido fontes de luz. Entre elas um “refletor de jardim”, uma lanterna e uma luminária de LED. Ficava nítido que o interesse pelo assunto tinha sido despertado naquelas crianças. Apresentei à classe algumas silhuetas e pequenos objetos que levei e propus que os estudantes se permitissem experimentá-las de forma improvisada, na luz que estaria sendo projetada em um tecido usado como tela. A princípio, só duas pessoas quiseram experimentar o jogo de improviso com as sombras, mas depois outros voluntários surgiram. Nesse momento vi crianças que mal falavam ou interagiam com os colegas no dia a dia, se transformarem em grandes atores e atrizes; dando vozes e movimentos aos personagens que eram criados ali no improviso de uma brincadeira com luz e sombras atrás da tela. Sinto-me até hoje arrebatada por essa imagem.

A estratégia de usar como tela um tecido comum se deu para mostrá-los que a experiência poderia ser replicada em suas casas de maneira simples. Contribuiu também para essa escolha o fato de não existir na escola uma sala com aparato técnico que permitisse a instalação de alguma tela de outra configuração. O experimento não foi comprometido, uma vez que a tela de projeção é um recurso simples e funcional. Contudo, se dispuséssemos de uma sala com maior possibilidade de escurecimento do ambiente – com vedação das janelas, por exemplo – a qualidade dos resultados certamente seria superior.

Em outro encontro com o grupo focal busquei mostrá-los como confeccionar os materiais necessários para a construção de um espetáculo de sombras. Mostrei algumas silhuetas usadas em trabalhos anteriores para que tivessem um parâmetro. Distribuí entre eles algumas folhas de cartolina guache, fitas adesivas, tesouras e



XXXIV
CONFAEB
2025

Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil
Congresso Internacional de Arte/Educadores

palitos de churrasco, que é o material básico para a feitura das silhuetas. Deixando cada um livre para escolher o que criaria, marcando o processo pela autonomia e imaginação, dei início ao trabalho de construção. As opções de criação eram múltiplas: personagem humano, objetos, animais ou até mesmo figuras geométricas.

Todos participaram dessa fase do trabalho. De repente a sala de aula tornou-se um grande ateliê em que aqueles jovens artistas entusiasmados experimentaram a sensação de criar um produto artístico autêntico. O que pude perceber nesses encontros foi que o teatro de sombras se mostrou uma prática que permite que a criança experimente através da brincadeira e encontre novas possibilidades vivenciando assim uma experiência artística que lhe viabilize expressar sentimentos, questionar convenções, conectar-se com o outro, usar a imaginação.

O QUE FICA NA MENTE APÓS ESSA EXPERIÊNCIA?

Durante a experiência no PIBID pude compreender que o teatro de sombras é de fato uma ferramenta pedagógica potente, que dialoga diretamente com a pedagogia freireana, uma vez que ela prescinde de grandes aparatos técnicos para sua ocorrência. Não são necessários refletores caros, nem uma caixa cênica perfeita para acontecer (embora, claro, esses elementos sejam extremamente bem-vindos quando existem à nossa disposição). Se houver uma lanterna, um tecido esticado e alguns recortes em cartolina, uma sala de aula inteira se transforma em palco. É a confirmação de que o teatro pode estar presente onde queiramos que ele esteja.

O caráter simples e acessível dessa técnica foi o que mais me encantou: era possível criar teatro a partir do que já tínhamos, e isso fazia com que os estudantes sentissem que também eram capazes de criar teatro onde quer que estivessem e com os recursos que dispusessem. Ou seja, a execução dessa técnica por meio dessa simplicidade técnica se aproxima da ideia de Paulo Freire de que “não há saber mais, nem saber menos: há saberes diferentes” (FREIRE, 1996, p. 32).



Conforme as experimentações eram feitas, o jogo das sombras despertava nas crianças algo que eu só consigo descrever como encantamento. Havia olhos que brilhavam ao perceber que uma pequena figura recortada ganhava vida ao ser colocada na frente da luz. Havia curiosidade em experimentar e investigar possibilidades de movimentos, havia risadas soltas e um certo espanto quando um gesto do corpo se transformava em desenho projetado na parede. Nas sombras, esses estudantes deixaram de ser mero expectadores e tornaram-se criadores ativos, confirmando a crítica de Freire à educação bancária e sua defesa de uma aprendizagem dialógica e libertadora, pois, como ele afirma, “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 79).

Ou seja, o trabalho desenvolvido reafirma a pedagogia freireana em sua essência: uma educação dialógica, em que o educador não deposita conhecimento, mas o constrói em comunhão com os estudantes. O teatro de sombras tornou-se, assim, um exercício de escuta, diálogo e criação coletiva — um espaço onde, como defende Freire (1996), ensinar exige curiosidade, disponibilidade e respeito à autonomia do educando. A sombra funcionou como um convite ao jogo, como uma porta aberta para que todos participassem – até aqueles mais tímidos, que raramente se arriscam a falar em público, encontravam ali um espaço seguro para se expressarem. Era como se a tela de projeção desse a eles uma espécie de máscara protetora, permitindo que criassem sem medo de julgamento.

Nessa prática, compreendi também como o teatro de sombras, assim como os estudos e investigações sobre iluminação, ampliam os olhares dos estudantes sobre o fazer teatral. Muitos deles acreditavam que fazer teatro era apenas estar no palco, decorar falas, atuar diante de um público. Mas, à medida que entravam em contato com a luz, a tela e as figuras, eles iam descobrindo que a cena pode nascer de outros lugares. Puderam notar que existe uma beleza imensa no trabalho dos bastidores, na preparação das silhuetas, na manipulação de um objeto, na escolha do foco da



lanterna. Enxergaram enfim um trabalho que por vezes é ainda tão invisibilizado. Isso, para mim, foi um aprendizado tão importante quanto para eles: mostrar que o teatro é coletivo, feito de muitas mãos, e que cada função é essencial para que a mágica aconteça.

O que presenciei em sala de aula foi um deslocamento: crianças que antes ocupavam o lugar de espectadoras assumiram o posto de criadoras. No improviso com as sombras, elas criavam narrativas próprias, davam voz e movimento à personagens que surgiam quase sem planejamento. O espaço da escola tornou-se naqueles encontros um ateliê vivo, um espaço em que todos podiam experimentar, brincar, errar, tentar de novo. E foi nesse espaço do jogo que a arte aconteceu – não apenas como produto, mas como processo de descoberta e invenção coletiva.

Ao olhar novamente para esse percurso através da escrita, me fez reconhecer que o relato aqui presente constitui, portanto, um *memorial de formação*, nos termos de Passeggi (2010). Trazer para o papel a minha prática, me utilizando para isso dos meus “diários” de aula me permitiu compreender a docência como um percurso em construção, em que a narrativa de si se transforma em um gesto formativo. A escrita se torna, assim, lugar de reflexão sobre o ser artista-docente, um exercício de autoconhecimento e de reconstrução da própria identidade.

Por tudo isso, sigo com a ideia de que o teatro de sombras é uma das linguagens mais ricas para se trabalhar o ensino do teatro na escola. Pois ele não só democratiza o acesso à criação, como expande a forma como os estudantes percebem o teatro: não mais como algo distante ou inacessível, mas como algo que eles mesmos podem criar com os recursos que têm em mãos. E talvez seja exatamente isso que a pedagogia do teatro deva buscar: abrir caminhos para que cada estudante descubra suas próprias formas de olhar, inventar e se expressar, num processo que, como apontam Freire (1996) e Passeggi (2010), é simultaneamente educativo e formativo.



XXXIV
CONFAEB
2025

Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil
Congresso Internacional de Arte/Educadores

REFERÊNCIAS

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Memorial de formação: gênero autobiográfico de pesquisa e de formação.** In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana M. Moraes (Orgs.). *Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente.* Natal: EDUFRN, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.